

Gravação: 2120380

Duração do Áudio: 00:24:40

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Oradora A	D. Onete
Orador B	Não Identificado
Orador C	Não Identificado
Oradora D	D. Rosa
Orador E	Felipe Cordeiro
Orador F	Não Identificado
Orador G	Vendedor
Orador H	Pio Lobato

Oradora A: Vou descendo da minha casa para fazer uma reportagem comigo sobre milagres de santa luzia aquela santa maravilhosa que nós protege da vista. E vai proteger a dona Onete que fez uma cirurgia não faz muitos dias, e eu vou conversar com eles agora. Vamos andar, mostrar um pouco do lugar aonde eu moro no bairro da Pedreira do samba e do amor. Moro aqui, há 16 anos eu sou filha de cachoeira do Arari. Mas me criei nesse bairro da pedreira me casei em

Igarapé-Miri, hoje em dia eu estou caminhando, minha vizinhança é aqui, os meus vizinhos todo esse pessoal aqui.

Orador B: Bom dia.

Oradora A: São nossos vizinhos, são pessoas maravilhosas. Aqui a gente ainda planta remédio olha! Na rua, e esse pedaço é o cultural.

Orador C: Tá certo.

Oradora A: Muito grupos de carimbo tem aqui compositores, cantores. Temos aqui a dona Rosa que dança carimbo 78 anos.

Oradora D: Bom dia, bom dia.

Orador C: Dança carimbo?

Oradora D: Danço.

Oradora A: Dança [inint] [00:01:57] rainha do carimbo, dança muito. Ontem ela dançou muito.

Orador C: Queria ter visto ela dançando.

Oradora A: Dança dona Rosa.

Orador C: Canta um carimbo pra ela, dona Onete.

Oradora A: “Meu carimbo tem cheiro de mato, cheiroso... tem brisa de [inint] [00:02:14] misturado só com a chuva das quatro sabor de lua, luar. Oh, lua convida o sol. Vem dançar o meu carimbo, oh lua convida o sol e vem dançar o meu carimbo”.

Oradora D: Obrigada.

Oradora A: Ei, Maria. Tô mostrando a minha rua. Fazendo um documentário, muito bem. Tá bem. Olha aqui o meu carimbo chegando. O carimbo chegando cadê o [inint] [00:03:21] tocador aí mandando brasa, toca. Sabe tocar? Senta logo em cima do carimbo e toca aí pra mim logo. Ver os pauzinhos que toca? Esse é o meu mesmo. "No balanço do peneruê, o lê, lê no balanço do peneruã, o lá, lá no balanço do peneruê o lê, lê no balanço do peneruã. O lá, lá é no balanço da peneira é no balanço do alguidar. No balanço da peneira é no balanço do alguidar" . Que eu saiba um tio meu cantava no Alto Marajó cantando nas fazendas, só era esse que eu via cantar. O resto da minha família ninguém. Não sei, é como herdei essa voz, Deus me deu essa voz tão assim pra cantar, pra falar inteligência. Sou neta, de um capitão Manoel Antônio da Silveira que ele é de Pernambuco que veio servir aqui em Belém e dizem que talvez essa inteligência de repentista que eu tenho, você ver, né? Uma coisa inacreditável pra uma cabocla do interior, né? Seja herdar dele, eu herdei dessas pessoas. Porque ele era daquele tempo ainda do cangaço, sabe? Diz que ele contava muitas histórias.

Orador C: E a senhora vive aqui nesse bairro quanto tempo?

Oradora A: Dezesseis aqui, agora. Mas me criei aqui nesse bairro mais ali, Vileta. “Oh, lua convida o sol e vem dançar meu carimbo. Oh, lua convida o sol e vem dançar meu carimbo. Do meu jeito suingado chamegoso, chamegado. Do meu jeito suigado chamegoso, chamegado. Vem tomar o meu tacacá, vem provar o meu açaí, a maniçoba gostosa o pato no tucupi. Vem chupar a manga rosa, manga de cheiro a manga cheirosa. O meu Pará é tupiniquim, o meu Pará é tupiniquim. O meu carimbo tem cheiro de mato, cheiroso tem brisa de preamar. Quentura de sol com a chuva das quatro”. [inint] [00:05:45].

Orador E: Dona Onete é uma compositora uma artista, uma figura uma personagem absolutamente especial, assim de um carisma de um talento de uma inteligência de uma vitalidade de uma perspicácia. Ela de uma modernidade.

Orador F: De uma modernidade, né?

Oradora A: "O chá do tamaquaré, é um chá muito louco. É um feitiço caboclo que só tem no Pará. Vai na banca de cheiro lá do Ver-o-Peso, que você vai encontrar. Tem tamaquaré na rede, é só embalar. Tem tamaquaré na água, pra fazer o chá. Tem pó de tamaquaré pra botar no café". Aí eu digo: " Embala ele! Embala ela! Dá tamaquaré pra ele, dá tamaquaré pra ela. Embala ele! Embala ela! Dá tamaquaré pra ele, Dá tamaquaré pra ela. Se ele te bate". Não tem homem bate? "Se ele te bate, não manda prender ele. Dá tamaquaré pra ele, dá tamaquaré pra ele". Se ela te chifra? Pra nós é chifrar, pra lá é enganar. “ Se ele te chifra, se ela te chifra, te engana, não bate nela! Dá tamaquaré pra ela, dá tamaquaré pra ela. O resultado, fica tudo dominado ele fica abestado, abobalhado, bobão, pateta, patetão, pilotado, pilotado. Só faz o que você quer, com chá do tamaquaré com chá do tamaquaré”. Quando eu termino de cantar, todo mundo quer beber o chá de tamaquaré, acho que nem entendem o que eu tô falando.

Orador E: Ela é muito ousada, assim.

Orador F: Ousada.

Orador E: E ela virou uma espécie de musa desse novo momento da música do Pará, sabe? Ela virou uma espécie de a grande rainha da música paraense assim, a grande figura feminina assim desse mundo mestiço e popular e... e sacador que se tornou essa parada, sabe?

Oradora A: Não tem compositora quase aqui em Belém, que este Ver-o-Peso não embalem o seu sonho. É um embalar do nosso sonho, isso aqui. Porque papai trazia a gente pra ver, tio trazia pra ver. Assim como leva no bosque, no museu, trazia pra ver o Ver-o-Peso.

Orador C: [inint] [por aqui assim 00:08:11]

Oradora A: Olha as nossas verduras aqui como é que tá olha, conhece o jambu? O tremor do jambu a música que eu fiz agora que eu fiz do jambu, olha, é com isso que se faz jamburana.

Orador C: Sim.

Oradora A: Acho que vou até comprar jambu.

Orador C: Quer comprar dona Onete?

Oradora A: Quero, deixa eu ver aqui minha bolsa. Fazer jamburana. De quem é o jambu aqui?

Orador C: Do rapaz.

Orador G: Diga [inint] [freguesa 00:08:40]

Oradora A: Dois pacotes de jambu, fazer jamburana [inint] [00:08:43] me dá um pacotinho de cheiro.

Orador G: Só cheiro ou misturado?

Orador C: Oh, dona Onete. Como é que é a música?

Oradora A: "Se você quiser saber o que a jamburana faz, o sabor do jambu".

Orador G: [inint] [00:09:01]

Oradora A: Não, não eu quero só... coloca um ganho de favacá (alfavaca)

Orador G: [inint] [00:09:05]

Oradora A: "O tremor do jambu é gostoso demais o tremor do jambu é gostoso demais. E o jambu treme, treme, treme, treme". Você já comeu jambu?

Orador C: Já.

Oradora A: "Treme, treme, treme, treme O tremor vai descendo, vai descendo, vai baixando vai subindo chega até o céu da boca. E a boca fica muito louca. O pato no tucupi tem jambu, tem jambu. O famoso tacacá tem jambu, tem jambu. O arroz paraense tem jambu, tem jambu Caldeirada no Pará tem jambu, tem jambu. O vatapá e o caruru a gente enfeita com jambu. E o jambu treme, treme, treme, treme, treme, treme, treme, treme... o tremor vai descendo, vai descendo, vai descendo, vai descendo, e vem subindo, vem subindo e chegar até o céu da boca, a boca fica muito louca. Com o tremor do jambu". E as jamburinhas linda, obrigada minhas criança. É isso que precisamos fazer aí nesse pedaço. "Onde é que boto mora? Mora nas águas do mar. Onde é que boto mora? Mora nas águas do mar. Boto faz o seu bailado, nas águas de preamar. Boto faz o seu bailado, nas águas de preamar". Aí os botos começaram a boiar e eu disse: "tem boto cercando a gente, fazendo fuá, fuá. Tem boto cercando a gente, fazendo fuá, fuá. Mas é boto namorador das águas do Maiuatá". E os botos até cor de rosa que nunca, nunca viram no rio estava lá. "Tem chamego de boto? Tem. Tem chamego de boto? Tem chamego de boto, nas águas de Santarém. Tem chamego de boto? Tem. Tem chamego de boto? Tem chamego de boto, nas águas de Santarém". Carimbo você fala de bicho, você fala

de fruta, você fala de caçador, você fala de sereia você fala de coisas que são verdadeiras e que não é verdadeira. E no bolero você lida com sentimentos.

Orador H: O carimbo por exemplo tu imagina, o cara é pescador, né? Que sabe fazer um tambó que ele tirar o troco de uma árvore, a maior árvore que ela acha, né? Aí tira aquele miolo bota uma pele de um bicho aqui é pra fazer barulho bicho. Era maior tecnologia disponível pra fazer barulho, bicho.

Orador E: A dona Onete faz carimbo de água doce é igarapé-Miri é regido pela água doce. Parecido com essa daqui o carimbo em tese nasceu no Marapanim, ou um desses do nascimento do carimbo foi no Marapanim que é mais água salgada o carimbo é mais nervoso, mais visceral. Da dona Onete é mais chamegado como ela diz.

Orador F: Ela só pensa nisso.

Orador E: É o carimbo de água doce.

Oradora A: O carimbo eu necessito de um daquilo que eu tô dizendo de um banjo, de um tocador aqui de uma maracá, entende? É um show diferente, e já no bolero eu preciso de Pio Lobato de... o meu músico de saxofonista, do Breno de outra orquestra, é uma orquestra quase pra mim. Já estão sentido, fazem parte da minha banda [inint] [00:13:33] " Ora, vejam só, meu coração virou um grande brechó. Nele eu guardei minhas fantasias amores, paixão, felicidade, tristeza, saudade, alegrias. Mas eu vou desocupar meu coração de verde esperança eu vou mandar pintar tô esperando outro amor chegar. Foi o outono que passou tudo levou chegou a primavera, coloquei rosas e flores na minha janela deixei a porta aberta pro amor entrar. Não precisa bater, basta somente uma troca de olhar. Meu coração vai saber se é amor de verdade se chegou pra ficar. Não precisa bater, basta somente uma troca de olhar. Meu coração vai saber se é amor de verdade se chegou pra ficar". A gente guarda tanta coisa no coração da gente, né? É hora de desocupar esse coração. "Não precisa bater, basta somente uma troca de olhar. Meu coração vai saber se é amor de verdade e se chegou pra ficar"- **Coração Brechó**. Pronto? Eu canto xote, eu canto carimbo, eu canto bolero, eu canto tango eu canto... já cheguei a cantar sabe que em Portugal? Fado e o pior é que eu cantei bem na frente dos fadistas e não sabia se eram fadistas que tavam lá me vendo. Aí como não vi ninguém se pronunciar, eu tô acostumada eu tá cantando e o povo gritar e eu falar, eu interagir eu fiquei meia preocupada. Mas só que lá em Portugal o caso é diferente, enquanto estão cantando fado ninguém diz nem uí, o respeito pela música de Portugal. Aí quando eu terminei me aplaudiram de pé. "Uma flor no cabelo, uma boca pintada, uma saia rodada e pé no chão. Faz lembrar o que? Faz lembrar o que? Carimbó de Lucindo, de Celé e de Verê. Uma boca pintada, uma saia rodada e pé no chão. Faz lembrar o que? Faz lembrar o que? Carimbó de Lucindo, de Celé e de Verê. Carimbó de Lucindo, de Celé e de Verê. Siriá, siriá, síria". Oradora A: Eu fui professora de história de quinta a oitava, mas sempre eu dei aula recriada sempre cantei. Eu cantava a cobra do [inint] [Jatuí 00:17:17] é uma lenda que tinha na minha cidade pra alunos de oitava série tamanho 18 anos.

Orador E: Ela atuava no interior como professora, ela era engajada no mundo político e fazia

viagens [inint] [00:17:29] ativista política. Aí a cidade de Belém meio que descobriu a dona Onete depois de velha. Caramba, que mulher é essa que tem um monte de música e essas músicas são todas muito interessantes e tal.

Orador H: E a gente pegou a dona Onete pra fazer o que ela quiser.

Orador C: [inint] [00:17:45]

Orador H: Acho que ela adotou a gente, porque a gente [inint] [00:17:51] a primeira noção que a gente tem é que a gente é ignorante tá aprendendo com ela o tempo todo. E a minha ideia principal é ir junto com a respiração dela, deixar ela respirar música que a gente dá o jeito de encaixar. Essa que é a viagem com ela, dá certo.

Oradora A: "Você é fogo que me queima, me incendeia. Eu me prendi no emaranhar da tua teia. Loucos momentos foram aqueles que eu vivi. Quando eu te conheci". Se alguém me pergunta assim, pra mim: dona Onete, o que a senhora acha que a senhora tá fazendo na música do Pará?. Eu digo assim: -um remujo no remanso. Remujo acontece assim, numa água dessa. Tá aqui um remasso, aí de repente vem muitas coisas do fundo. Coisas que ninguém sabia se existia é o que eu tô fazendo, trazendo banguê, trazendo lundum, trazendo este carimbo chamegado essas coisas que eu falo que eu digo. Peças de teatro, historinha de peixe que eu mesmo comento, eu mesmo faço eu só quero saber a fonte. É isso, aí de lá eu [inint] [00:19:07] eu faço uma outra história. "Quando eu te conheci". Valeu? Obrigada. O nome dessa música que eu vou cantar pra você chama-se filosofia barata a música, ela... essa música eu já fiz a muito tempo e agora eu vou mostrar pela primeira vez pra você. "Entre as coisas bonitas que você me falava. Tinha uma coisa que eu [inint] [00:20:09] escuta. Que o amor é a coisa mais linda da fase da terra, e que entre dois corações não pode haver guerra não, não, não. Engano teu, engano meu. Tua filosofia de nada valeu, veja meu bem entre nós o que aconteceu. O tempo fechou, o amor acabou, somente dois corações machucados foi o que restou. Frase soltas ao vento e o vento levou. Entre as coisas bonitas que você me falava. Tinha uma coisa que eu [inint] [00:21:40] escuta. Que o amor é a coisa mais linda da fase da terra, e que entre dois corações não pode haver guerra não, não, não. Engano teu, engano meu. Tua filosofia de nada valeu, veja meu bem entre nós o que aconteceu. O tempo fechou, o amor acabou, somente dois corações machucados foi o que restou. Frase soltas ao vento e o vento levou". "Embala ele, embala ela, dá tamaquaré pra ele, dá tamaquaré pra ela. Embala ele, embala ela dá tamaquaré pra ele, dá tamaquaré pra ela". Ai meu Deus.

Fim da Transcrição 00:24:40